

Segunda-feira, na Faculdade de Letras

A última lição de Manuel Ferreira

SEGUNDA-FEIRA próxima, 11 da manhã, Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa — o professor Manuel Ferreira profere a sua última lição, numa sala certamente cheia de alunos, amigos e emoção. Fernando Cristóvão, professor catedrático e presidente do ICALP-Instituto da Cultura e Língua Portuguesa, fará a apresentação de Manuel Ferreira, que escolheu para a sua última lição um tema curioso: «Literatura colonial versus literatura africana».

Co-director do Instituto de Estudos Africanos daquela Faculdade, Manuel Ferreira regta a cadeira de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa e era ainda professor do curso de mestrado em Literaturas Brasileira e Africana de Língua Portuguesa. Mas a idade é assim mesmo: não perdoo. E chegado agora os 70 anos de uma vida muito vivida e pelas sete partidas do mundo repartida, Manuel Ferreira, cabelos brancos ao vento da cultura e da iniciativa, vai dizer adeus às aulas, que não ao estudo, à escrita, aos congressos e seminários, à correspondência, ao contacto com os amigos.

Cabo Verde, claro, continua a correr-lhe nas veias, a ocupar-lhe o pensamento, a dominar-lhe os sentidos; e os escritores de língua portuguesa em África continuam a mandar-lhe os seus originais, muitos dos quais são publicados em Lisboa graças ao seu entusiasmo, à sua dedicação, ao seu saber.

Ainda há dias, num café de Linda-a-Velha onde se entretém a rever prosas e a rabiscar ideias, Manuel Ferreira dizia-me com olhos brilhando de satisfação, a propósito do projecto de ALAC-Africa, Literatura, Arte e Cultura, a pequena editora que recentemente criou:

«Tenho já em composição um novo livro do moçambicano José Craveirinha. Chama-se 'Maria' e o perfil é do Rui Knopff, tendo ilustrações do Chichorro. Será uma obra que sirva uma nova colecção da ALAC, chamada Africana. Vou editar também um romance de um jovem médico cabo-verdiano, o Vasco Martins. Mas não é só...»

«E mais e que há mais?»

«Para já, há a redacção de um livro de poemas do Gabriel Matos; a publicação de um volume organizado por José Carlos Moreira, sobre Poemas de

cama viada a público no Almanaque Lembrança de 1931; e ainda 'O Canto do Osebo' onde será reunida a obra poética do sã-tornense Marcelo da Veiga. É uma obra poética organizada por mim a partir do espólio deixado à esquerda. É o primeiro poeta da negritude portuguesa, anterior a Francisco José Tenreiro...»

Libertação

«Obvio: perguntar a Manuel Ferreira como se sentia no momento em que era obrigado a deixar de dar aulas na Faculdade. Sorriu, e enquanto fingia o carinho foi dizendo com naturalidade:

«Sinto-me liberto. Tive muito prazer em estar na Faculdade. Como sabe, não se vai lá só para ensinar, mas também para aprender. Obrigou-me a uma reactualização em relação às conquistas modernas da ciência literária — e isso para mim foi muito importante e um ponto de honra. No entanto, não posso esquecer que tenho uma vida muito cheia — contactos, aqui em Lisboa e no estrangeiro, congressos, seminários, estudos, livros que quero escrever, etc., etc... Ora, nasce assim esta 'libertação' da Faculdade ajuda-me na minha carreira de investigador e também de romancista...»

«Vai escrever mais alguns romances?»

«Tinha um novo romance já praticamente concluído, mas a mala com os originais desapareceu-me há dias, no aeroporto do Rio de Janeiro. Estou muito chateado, mas pode ser que ainda apareça. Lá vou telefonando para o Brasil de vez em quando, pois tenho uma vaga esperança...»

«De que tratava, ou melhor, do que trata esse seu novo romance?»

«É um projecto ambicioso, que para além do mais era também um exercício de linguagem...»

«Para além da mala? O que é que quer dizer com isso?»

«Bom, nesse romance — escusa-me de perguntar o título, pois ainda não me tinha decidido entre dois possíveis e não quero adiantar

nada sobre isso — nesse romance, dizia, expressei também as minhas preocupações ideológicas, preocupações com a vida do nosso povo. Pretendo dar uma panorâmica do homem português, dando simultaneamente uma imagem da história da língua. Vou 'roubar' páginas inteiras a Fernão Lopes, Luandino, Guimarães Rosa, padre António Vieira, trabalhando-as ficcionalmente, encostado aquilo que hoje a intertextualidade permite fazer com a ficção...»

Vida

Manuel Ferreira nasceu em Gândara dos Olivais (Leiria) em 1917. Licenciou-se em Ciências Sociais e Políticas pela Universidade Técnica de Lisboa, é oficial reformado do Exército, introduziu na Universidade de portuguesa, após o 25 de Abril, o ensino das literaturas africanas. Fundou e dirige a revista África e a editora ALAC, sendo também membro de várias associações nacionais e estrangeiras. Foi presidente da Associação Portuguesa de Escritores.

Estreou-se em 1944 com o volume de contos Grei e, publicou a seguir A Casa dos Motes (1956), obras que se integram na corrente neo-realista.

Tendo permanecido parte da sua vida quer em Cabo Verde, onde casou com a escritora, Orlanda Amaral, quer na ilha da Madeira, Manuel Ferreira tornou-se um profundo estudioso da expressão portuguesa nas antigas colónias, sendo hoje considerado uma autoridade mundial no assunto.

A obra de Manuel Ferreira, profundamente marcada pelas suas experiências africanas, denuncia não só as formas repressivas do colonialismo português, como as manifestações totalitárias do regime fascista. «Morna», «Morabem», «Hora di Bai», «Voz de Prisão» e «Terra Trazida» são alguns dos títulos da obra de Manuel Ferreira, versando temas cabo-verdianos. Além disso Manuel Ferreira organizou antologias da poesia africana e escreveu vários livros para as crianças. Está traduzido em vários países.

Ribeiro Cardoso

Dia

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31

Africa. Profissionais

Univ. Clássica de Lisboa

JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----